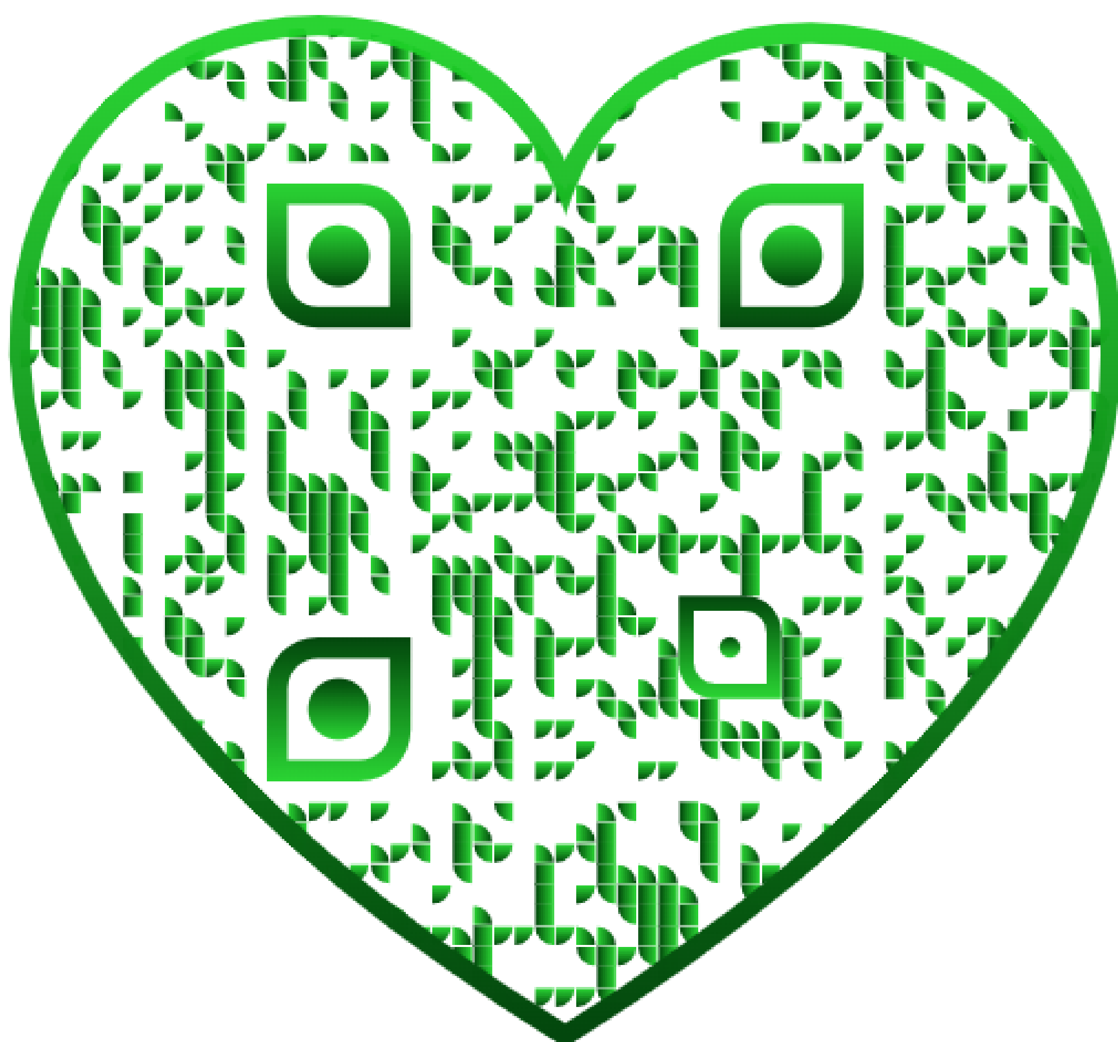
EXPRESSO ZAHAR



Um caso do professor Challenger

QUANDO O MUNDO GRITOU

Arthur Conan Doyle



Arthur Conan Doyle

QUANDO O MUNDO GRITOU

Um caso do professor Challenger

Tradução:
Alexandre Barbosa de Souza



SUMÁRIO

Quando o mundo gritou

QUANDO O MUNDO GRITOU

Eu tinha uma vaga lembrança de ter ouvido meu amigo Edward Malone, da *Gazette*, falar do professor Challenger, com quem ele havia se envolvido em notáveis aventuras. Mas ando tão ocupado com minha profissão, e minha firma foi tão sobrecarregada com pedidos, que pouco sei sobre o que se passa no mundo fora de meus interesses específicos. Minha lembrança genérica era de que Challenger já fora descrito como um gênio indomável de disposição violenta e intolerante. Fiquei muito surpreso, portanto, quando recebi uma carta comercial dele, que vinha nos seguintes termos:

14 (Bis), Enmore Gardens, Kensington

Senhor,

Gostaria de contratar os serviços de um especialista em poços artesianos. Não esconderei que minha opinião sobre especialistas não é lá muito boa, e que costumo achar que qualquer homem dotado, como eu, de um bom cérebro é capaz de uma visão mais profunda e mais ampla do que o homem que professa um determinado conhecimento em especial (que, infelizmente, muitas vezes é uma mera profissão) e é portanto limitado em sua perspectiva. Não obstante, estou disposto a dar uma chance ao senhor. Percorrendo a lista de autoridades artesianas, uma certa estranheza – quase escrevo um certo absurdo – em seu nome chamou minha atenção, e com algumas perguntas apurei que meu jovem amigo, o sr. Edward Malone, é na verdade seu conhecido. Escrevo portanto para dizer que gostaria de marcar uma entrevista, e que se o senhor satisfizer minhas exigências, e meus padrões não são nada abusivos, posso vir a ser tentado a passar às suas mãos uma questão da maior importância. Nada mais posso dizer no presente momento, pois se trata de assunto do mais extremo sigilo, que só poderá ser discutido pessoalmente. Solicito, portanto, que o senhor cancele qualquer compromisso que possa ter e compareça no endereço acima às 10h30 na próxima sexta-feira. Há um capacho, além do tapete, e a sra. Challenger é bastante meticulosa.

Sigo sendo, senhor,

GEORGE EDWARD CHALLENGER

Passei a carta ao meu principal escriturário para respondê-la, e ele informou o professor de que o sr. Peerless Jones compareceria com prazer ao encontro conforme combinado. Foi um bilhete perfeitamente formal, mas começava com a frase: “Sua carta (sem data) foi recebida.”

Isso motivou uma segunda carta do professor:

“Senhor”, respondeu ele, com uma caligrafia que parecia uma cerca de arame farpado, “reparei que o senhor tergiversa sobre o detalhe de que minha carta não fora datada. Permita-me que chame sua atenção para o fato de que, em contrapartida a impostos monstruosos, nosso governo costuma afixar um pequeno sinete ou selo sobre o exterior do envelope que notifica a data de postagem. Se o sinete estiver faltando ou ilegível, seu único remédio é procurar as autoridades postais competentes. Enquanto isso, eu pediria ao senhor que restringisse suas observações a assuntos pertinentes ao negócio sobre o qual vim consultá-lo, e que deixe de comentar a forma que minhas cartas possam eventualmente assumir.”

Ficou claro para mim que lidava com um lunático, de modo que achei melhor, antes de aprofundar o assunto, procurar meu amigo Malone, que conhecia desde os velhos tempos em que ambos jogávamos rúgbi pelo Richmond. Encontrei o mesmo irlandês jovial de sempre, que achou muita graça de minha primeira rusga com Challenger.

– Isso ainda não foi nada, meu caro – disse ele. – Nos primeiros cinco minutos com ele, você se sentirá esfolado vivo. É o campeão mundial da hostilidade.

– E por que o mundo atura isso?

– Ninguém atura. Se você juntar todas as ações, libelos, desavenças e todos os ataques em tribunais…

– Ataques!?

– Deus o proteja, ele não hesitaria em atirá-lo escada abaixo se tiverem alguma discordância. É um homem das cavernas só que de terno e gravata. Posso até vê-lo com uma clava na mão e uma lasca de pedra na outra. Algumas pessoas nascem no século errado, mas ele nasceu no milênio errado. Ele pertence aos primórdios do neolítico, no máximo.

– E no entanto é um professor!

– Aí está a maravilha da coisa! É o maior cérebro da Europa, e com uma força de vontade capaz de transformar todos os seus sonhos em realidade. Todos fazem o possível para detê-lo, pois seus colegas o odeiam como se fosse veneno, mas são como traineiras tentando deter um transatlântico. Ele simplesmente os ignora e segue em frente.

– Bem – respondi –, uma coisa é certa. Não quero ter nada com ele. Vou cancelar nosso encontro.

– De forma alguma. Você vai e chegará pontualmente. E tenha certeza de

que, se não for pontual, ouvirá poucas e boas.

– Por que devo aceitar?

– Bem, vou dizer por quê. Antes de mais nada, não leve muito a sério o que eu disse sobre o velho Challenger. Todos que se aproximam dele aprendem a amá-lo. O velho urso não oferece perigo algum. Ora, lembro que carregou um bebê índio com varíola nas costas por quase duzentos quilômetros do meio da floresta até o rio Madeira. Ele é grande em todos os sentidos. Não vai machucá-lo se você for correto com ele.

– Não lhe darei essa oportunidade.

– Você será um tolo se não der. Já ouviu falar no Mistério de Hengist Down, a sonda profunda no litoral sul?

– Ouvi dizer que era uma mina de carvão secreta.

Malone franziu a testa.

– Bem, pode chamar como preferir. Veja, sou uma pessoa de confiança do velho, não posso dizer nada sem que ele autorize. Mas uma coisa posso contar, pois saiu na imprensa. Um homem chamado Betterton, que ganhou dinheiro com a borracha, deixou tudo para Challenger há alguns anos, com a condição de que fosse usado no interesse da ciência. Descobriu-se que era uma quantia enorme, vários milhões. Challenger então comprou uma propriedade em Hengist Down, em Sussex. Era uma terra improdutiva no limite norte daquela região calcária, e ele comprou um bom pedaço e cercou o terreno. Havia uma ravina profunda bem no meio da propriedade. Ali ele começou a fazer uma escavação. Ele anunciou – aqui Malone franziu novamente a testa – que havia petróleo na Inglaterra e que pretendia provar isso. Construiu uma pequena aldeia, uma colônia modelo de trabalhadores bem pagos que juraram manter sigilo. A ravina é cercada, assim como a propriedade, e o lugar todo é vigiado por cães de guarda. Vários jornalistas quase perderam a vida, sem falar nos fundilhos das calças, para essas criaturas. É uma grande operação, e a firma de Sir Thomas Morden é quem administra, mas eles também juraram manter tudo em segredo. Claramente chegou a hora em que a ajuda artesiana se faz necessária. Agora, não seja tolo de recusar um serviço desses, com todo esse interesse, essa experiência e um cheque gordo ao final, sem falar na convivência com esse homem, provavelmente o mais magnífico que você encontrará na sua vida.

Os argumentos de Malone foram convincentes, e na sexta-feira pela manhã eu me encaminhei para Enmore Gardens, e tomei tanto cuidado para

não me atrasar que me vi à porta vinte minutos antes. Estava esperando na rua quando me ocorreu que havia reconhecido o Rolls Royce com a flechinha de prata estacionado na frente. Certamente era o carro de Jack Devonshire, o sócio-júnior do grande escritório de Morden. Sempre o considerei um dos homens mais educados, de modo que fiquei um tanto chocado quando ele apareceu e, do lado de fora da porta, ergueu as mãos para o céu e gritou com grande fervor:

– Ele que se dane! Ah, dane-se ele!

– O que foi, Jack? Você parece tenso esta manhã.

– Olá, Peerless! Você também está trabalhando para ele?

– Parece que existe essa possibilidade.

– Bem, você verá que é uma verdadeira provação para a paciência.

– Aparentemente maior do que a sua consegue suportar.

– Bem, devo dizer que sim. O recado do mordomo para mim foi: "O professor pediu que eu lhe dissesse, senhor, que ele está muito ocupado no momento comendo um ovo, e que se o senhor puder voltar num momento mais conveniente, ele muito provavelmente o receberá." Foi esse o recado que o funcionário me passou. Posso acrescentar que vim cobrar quarenta e duas mil libras que ele nos deve.

Assobiei.

– E você saiu sem receber?

– Ah, sim, ele não tem problema com dinheiro. Devo fazer justiça ao velho gorila e dizer que é mão-aberta. Mas paga quando quer e da forma que quer e não está nem aí para ninguém. Todavia, entre, tente a sorte e veja o que você acha. – Com isso, ele se enfiou no automóvel e partiu.

Fiquei esperando, olhei algumas vezes para o relógio, em contagem regressiva. Sou, se posso dizer assim, um indivíduo bem atarracado, peso-médio amador do Clube de Boxe de Belsize, mas nunca tinha encarado uma entrevista tão trepidante. Não era algo físico, pois eu estava seguro de que me garantiria caso o lunático inspirado me atacasse, mas uma mistura de sentimentos, em que se mesclavam o medo de um escândalo público e o temor da perda de um contrato lucrativo. Contudo, as coisas são sempre mais fáceis quando cessa a imaginação e começa a ação. Fechei meu relógio de bolso e caminhei até a porta.

Fui recebido por um mordomo de rosto talhado em madeira, um homem que tinha uma expressão, ou uma ausência de expressão, que parecia tão

imune a choques que nada no mundo seria capaz de surpreendê-lo.

– Hora marcada, senhor? – perguntou ele.

– Exatamente.

Ele olhou para a lista que tinha em mãos.

– Seu nome, senhor?… Pois sim, sr. Peerless Jones… 10h30. Está tudo em ordem. Precisamos tomar cuidado, sr. Jones, pois somos muito incomodados por jornalistas. O professor, como o senhor deve saber, não gosta da imprensa. Por aqui, senhor. O professor Challenger irá recebê-lo.

No instante seguinte me vi na presença dele. Acredito que meu amigo, Ted Malone, descreveu o homem em seu *O mundo perdido* muito melhor do que posso esperar fazer, de modo que deixarei isso como está. Tudo o que percebi foi um imenso tronco de homem atrás de uma escrivaninha de mogno, com uma barba preta comprida e pontuda e dois grandes olhos cinzentos entreabertos sob insolentes pálpebras caídas. A cabeçorra se inclinava para trás, a barba apontava para a frente, e a aparência do conjunto passava uma impressão única de intolerância arrogante. Era como se tivesse escrito no rosto: "Bem, o que diabos você quer?" Deixei meu cartão sobre a mesa.

– Ah, sim – disse ele, recolhendo-o e manuseando como se lhe desagradasse o cheiro do cartão. – Claro. O senhor é o dito especialista. Sr. Jones, sr. Peerless Jones. Agradeça a quem o batizou, sr. Jones, pois foi o prefixo ridículo que primeiro chamou minha atenção.

– Estou aqui, professor Challenger, para uma entrevista de negócios e não para discutir meu nome – respondi, com toda a dignidade que consegui reunir.

– Minha nossa, o senhor me parece uma pessoa muito melindrosa, sr. Jones. Seus nervos estão altamente sensíveis. Precisaremos de muito cuidado no trato com o senhor, sr. Jones. Peço-lhe que se sente e se comporte. Li sua pequena brochura sobre a reivindicação da Península do Sinai. Foi o senhor mesmo quem escreveu?

– Naturalmente, senhor. Está assinada com meu nome.

– Pois bem! Pois bem! Mas uma coisa nem sempre implica a outra, não é mesmo? Seja como for, estou disposto a aceitar sua afirmação. O livro não é isento de algum tipo de mérito. Por baixo do enfado da dicção, captam-se vislumbres de uma ideia ou outra. Existem germes de pensamento aqui e ali. O senhor é casado?

– Não, senhor. Não sou.

– Então existe alguma chance de que o senhor consiga guardar um segredo.

– Se prometi, certamente manterei minha promessa.

– É o senhor quem está dizendo. Meu jovem amigo Malone tem o senhor em alta conta – ele falava como se Ted tivesse dez anos de idade. – Ele disse que posso confiar no senhor. É uma confiança muito grande, pois estou envolvido neste momento em um dos maiores experimentos, posso até dizer o maior experimento na história do mundo. E peço sua participação.

– Para mim, seria uma honra.

– É de fato uma honra. Admito que não dividiria minhas tarefas com ninguém, não fosse a gigantesca exigência da mais alta habilidade técnica. Agora, sr. Jones, tendo obtido sua promessa de segredo inviolável, chego ao ponto essencial. E o ponto essencial é que o mundo sobre o qual vivemos é em si mesmo um organismo vivo, dotado, segundo acredito, de uma circulação, uma respiração e um sistema nervoso próprios.

O homem era claramente lunático.

– O seu cérebro, estou vendo – continuou ele –, não conseguiu registrar ainda. Mas gradualmente absorverá a ideia. O senhor há de se lembrar que os campos de urzes parecem o dorso peludo de um animal gigantesco. Existe uma determinada analogia que atravessa toda a natureza. Considere então a ascensão e o declínio da Terra ao longo dos séculos, o que indica a lenta respiração dessa criatura. Por fim, repare nos abalos e nas rachaduras que à nossa percepção liliputiana são os terremotos e as convulsões.

– E os vulcões? – perguntei.

– Não! Eles correspondem às partes quentes dos nossos corpos.

Meu cérebro rodopiava enquanto eu tentava responder alguma coisa àquelas monstruosas alegações.

– A temperatura! – exclamei. – Não é fato que a temperatura aumenta rapidamente quando descemos, e que o centro da Terra é pura lava incandescente?

Ele ignorou minha pergunta.

– O senhor provavelmente sabe, já que as escolas públicas são agora compulsórias, que a Terra é achatada nos polos. Isto significa que o polo é mais próximo do centro da Terra do que qualquer outro ponto e deveria portanto ser o mais afetado por esse calor de que o senhor fala. E como todo

mundo sabe, é claro, o clima dos polos é tropical, não é mesmo?

– Essa ideia é completamente nova para mim.

– Claro. É privilégio dos pensadores originais lançar ideias novas que geralmente não são bem-recebidas pela maioria dos mortais. Agora, senhor, o que é isto? – Ele mostrou um pequeno objeto que tirara da mesa.

– Eu diria que é um ouriço-do-mar.

– Exatamente! – exclamou ele, com um ar de surpresa exagerado, como quando uma criança faz algo inteligente. – É um ouriço-do-mar, um *echinus* comum. A natureza se repete em muitas formas independentemente da escala. Este ouriço é um modelo, um protótipo, do mundo. O senhor vê que ele é quase circular, mas achatado nos polos. Consideremos o mundo um imenso ouriço. O senhor tem alguma objeção até aqui?

Minha principal objeção era que a coisa toda era absurda demais para argumentar, mas não ousei dizê-lo. Tentei encontrar uma réplica menos agressiva.

– Um ser vivo precisa de alimento – comentei. – De onde o mundo tiraria sustento para sua massa gigantesca?

– Excelente questão, excelente! – disse o professor, com um ar grave de paternalismo. – O senhor tem um olho rápido para o óbvio, embora seja lento para se dar conta de implicações mais sutis. De onde o mundo tira seu sustento? Voltemos para nosso amigo ouriço. A água que o envolve escorre através de tubos desta pequena criatura e provê sua nutrição.

– Então o senhor acha que a água…

– Não, senhor. O éter. A Terra percorre um caminho circular nos campos do espaço, e à medida que se move o éter está sempre fluindo através dela, provendo-a de sua vitalidade. E todo um rebanho de outros pequenos ouriços-mundos estão fazendo a mesma coisa, Vênus, Marte e todo o resto, cada um com seu próprio pasto.

O sujeito era claramente maluco, mas não adiantava argumentar com ele. Ele tomou meu silêncio como aceitação e sorriu para mim do modo mais benevolente.

– Estamos conseguindo, pelo que vejo – disse ele. – A luz está conseguindo penetrar. É um tanto ofuscante a princípio, sem dúvida, mas aos poucos vamos nos acostumando. Peço-lhe que preste atenção enquanto lhe faço mais uma ou duas observações sobre essa pequena criatura que tenho aqui na minha mão. Suponhamos agora que nessa área externa aqui

existissem insetos infinitamente pequenos se arrastando na superfície. O ouriço ficaria sabendo da existência deles?

– Eu diria que não.

– O senhor pode bem imaginar então que a Terra não faz a menor ideia de que está sendo utilizada pela raça humana. A Terra não sabe nada sobre esse fungo e da evolução de bichinhos minúsculos que se acumularam sobre ela durante suas viagens ao redor do Sol, como cracas no casco de navios antigos. Essa é a situação no momento, e é isso que me proponho alterar.

Olhei para ele espantado.

– O senhor se propõe a alterar isso?

– Proponho fazer com que a Terra saiba que existe pelo menos uma pessoa, George Edward Challenger, que está chamando sua atenção, que, na verdade, insiste em ter sua atenção. Será seguramente a primeira intimação dessa que a Terra jamais recebeu.

– E como pretende fazer isso, senhor?

– Ah, agora chegamos ao nosso negócio. O senhor tocou no ponto. Vejamos mais uma vez essa interessante criaturinha que tenho aqui na mão. O ouriço é todo nervos e sensibilidade por baixo da crosta protetora. Não é evidente que se um bichinho parasita quisesse chamar sua atenção faria um buraco na casca para estimular seu aparato sensorial?

– Certamente.

– Ou então, mais uma vez, vejamos o caso da mosca doméstica ou do mosquito que explora a superfície do corpo humano. Podemos não nos dar conta de sua presença. Mas, na verdade, quando ele pica nossa pele, que é a nossa crosta, somos lembrados incomodamente de que não estamos sozinhos. Meus planos agora sem dúvida começam a ficar claros para o senhor. A luz rompe a escuridão.

– Minha nossa! O senhor propõe descer uma sonda através da crosta da Terra?

Ele fechou os olhos com inefável complacência.

– O senhor tem diante de si o primeiro homem a perfurar a carapaça espinhenta. Posso até usar o passado e dizer-me o primeiro que jamais a perfurou.

– O senhor já perfurou!

– Com o auxílio muito eficiente de Morden, acho que posso dizer que já perfurei. Depois de muitos anos de trabalho constante, dia e noite, levado a

cabo com todo tipo conhecido de perfuratrizes, brocas e explosivos, chegamos finalmente à nossa meta.

– O senhor não está dizendo que já atravessou a crosta!

– Se suas expressões denotam espanto, até aceito. Mas se denotam incredulidade…

– Não, senhor, não é nada disso.

– O senhor tem de aceitar minha declaração sem questionamentos. Já atravessamos a crosta. Uma espessura de treze quilômetros e duzentos metros. E pode interessar ao senhor saber que, ao longo de nossa descida, expusemos uma fortuna em veios de carvão que provavelmente abaterá o custo da empreitada. Nossa principal dificuldade foram os lençóis freáticos na base de calcário e os bancos de areia de Hastings, mas já conseguimos superar as duas coisas. Chegamos agora ao último estágio, e o último estágio não é ninguém mais ninguém menos que o sr. Peerless Jones. O senhor representa o mosquito. O poço artesiano fará o papel da picada do mosquito. O cérebro já fez sua parte. O pensador sai de cena. Entra o mecânico, o inigualável mecânico com seu porrete de metal. Estou me fazendo entender?

– O senhor disse treze quilômetros! – exclamei. – O senhor se dá conta de que mil e quinhentos metros é considerado quase o limite de um poço artesiano? Sei de um na Alta Silésia que tem quase mil e seiscentos metros, mas é considerado uma proeza excepcional.

– O senhor não me entendeu, sr. Peerless. Ou minha explicação ou seu cérebro está com defeito, e não farei questão de dizer qual dos dois. Conheço bem os limites de um poço artesiano, e é improvável que eu desperdiçasse milhões de libras em um túnel colossal se uma broca de quinze centímetros fosse o bastante para minhas necessidades. Tudo o que lhe peço é que apronte uma perfuratriz o mais afiada possível, de no máximo trinta metros, operada por um motor elétrico. Uma broca de impacto comum que trabalhe com contrapeso seria o ideal para o que preciso.

– Por que o motor elétrico?

– Sr. Jones, estou aqui para dar ordens, e não explicações. Antes do final do serviço, pode acontecer, quero dizer, pode ser que aconteça de sua vida depender de que essa perfuratriz seja controlada à distância por eletricidade. Presumo que isso possa ser feito, não?

– Certamente.

– Então prepare-se para fazê-lo. Ainda não estamos no ponto de exigir

sua presença no local, mas os preparativos já podem começar a ser feitos. Nada mais tenho a dizer.

– Mas é essencial – protestei – que o senhor me diga que tipo de solo a broca deve penetrar. Areia, argila, calcário, cada coisa exige um tratamento diferente.

– Digamos que é gelatina – disse Challenger. – Sim, por ora vamos supor que o senhor precisa perfurar gelatina. E agora, sr. Jones, tenho assuntos de certa importância para ocupar minha mente, de modo que lhe desejo um bom dia. O senhor pode apresentar um contrato formal mencionando suas obrigações ao meu encarregado de obras.

Fiz uma mesura e me virei, mas antes de chegar à porta minha curiosidade me dominou. Ele já estava escrevendo furiosamente, a pena arranhando o papel, e ergueu os olhos irritado com minha interrupção.

– Pois não, senhor, o que é agora? Pensei que já tivesse ido embora.

– Eu só gostaria de perguntar, senhor, qual poderia ser o objetivo de um experimento tão extraordinário?

– Além, senhor, muito além! – exclamou ele, irritado. – Eleve sua mente além da base mercantil e das necessidades utilitárias do comércio. Abandone seus padrões mesquinhos de negócio. A ciência busca o conhecimento. Vamos aonde quer que o conhecimento nos leve, e ainda assim deveremos continuar a buscá-lo. Saber de uma vez por todas o que somos, por que existimos, onde estamos não é a maior aspiração humana? Além, senhor, muito além!

Sua cabeçorra e a cabeleira preta já se inclinavam sobre os papéis outra vez e se misturavam à barba. A caneta de pena voltou a arranhar o papel mais ruidosamente que nunca. Então saí, deixando ali aquele homem extraordinário, com minha mente rodopiando só de pensar no estranho negócio do qual agora me via convertido em sócio.

Quando voltei ao escritório, encontrei Ted Malone esperando com um sorriso aberto no rosto para saber o resultado de minha entrevista.

– Ora! – exclamou ele. – Não aconteceu nada de pior? Nenhum ataque? Você deve ter sido bastante cuidadoso com ele. O que achou do nosso velho?

– O homem mais hostil, insolente, intolerante e convencido que já vi na vida, mas…

– Exatamente! – exclamou Malone. – Sempre tem um “mas”. Claro, ele é tudo o que você diz e muito mais, porém ficamos com a sensação de que um

homem tão grande não cabe mesmo em nossa escala, e que conseguiríamos suportar dele o que jamais suportaríamos em qualquer outro mortal. Não é isso?

– Bem, não o conheço tão bem a ponto de dizer, mas admito que se não se trata de um mero valentão megalomaníaco, e se o que ele diz for mesmo verdade, então seguramente se trata de um tipo único em sua categoria. Mas será verdade?

– Claro que é verdade. Challenger nunca dá ponto sem nó. Agora, exatamente, até que ponto da história você ouviu? Ele já contou sobre Hengist Down?

– Sim, com um esboço em poucas linhas.

– Pois então acredite em mim, a coisa toda é colossal, colossal, da concepção à execução. Ele odeia jornalistas, mas confia em mim, pois sabe que eu não publicaria nada sem autorização dele. Portanto tenho as plantas, alguns de seus projetos. Ele é tão louco que nunca sabemos ao certo se chegamos ao fundo de sua loucura. De todo modo, sei o suficiente para garantir que Hengist Down é um projeto possível e já está quase terminado. Meu conselho é que você simplesmente aguarde os próximos acontecimentos e, enquanto isso, vá preparando suas coisas. Você será informado em breve, por ele ou por mim.

Afinal foi o próprio Malone quem me procurou. Veio muito cedo pela manhã ao meu escritório, algumas semanas depois, trazendo um recado.

– Acabo de vir do Challenger – disse ele.

– Você é como o peixe-piloto para o tubarão.

– Tenho orgulho de ser qualquer coisa para ele. Ele é realmente um prodígio. Já fez tudo. Agora é a sua vez, e então ele estará pronto para abrir a cortina.

– Bem, só acreditarei vendo, mas já tenho tudo pronto e carregado num caminhão. Poderei começar a qualquer momento.

– Pois então comece. Pintei-o como um tremendo caráter, em termos de energia e pontualidade, então não me decepcione. Mas antes venha comigo de trem e lhe darei uma ideia do que precisa ser feito. Era uma adorável manhã de primavera – dia 22 de maio, para ser exato – quando fizemos a fatídica viagem que me levou a um cenário destinado a entrar para a história. No caminho, Malone me entregou um bilhete de Challenger que eu deveria considerar como minhas instruções.

O bilhete dizia:

Senhor,

Ao chegar em Hengist Down, o senhor se colocará às ordens do sr. Barforth, o engenheiro-chefe, que estará de posse de minhas plantas. Meu jovem amigo, Malone, o portador desta mensagem, também está em comunicação comigo e poderá me proteger de qualquer contato pessoal. No momento experimentamos certos fenômenos na sonda, a partir dos quatro mil e duzentos metros de profundidade, que confirmam plenamente minha visão sobre a natureza de um corpo planetário, mas ainda são necessárias provas mais sensacionais antes que eu possa esperar impressionar a letárgica inteligência do mundo científico moderno. Essa prova caberá ao senhor oferecer, e a eles testemunhar. Conforme o senhor for descendo pelos elevadores, observará, presumindo que o senhor possua a rara qualidade da observação, que irá passando sucessivamente pelos leitos calcários secundários, os leitos de carvão, alguns sinais devonianos e cambrianos e, por fim, chegará ao granito, através do qual a maior parte do túnel foi construída. O fundo agora está coberto por uma lona, na qual ordeno ao senhor que não mexa, pois qualquer manuseio desajeitado da sensível cutícula íntima da Terra poderá acarretar resultados prematuros. Segundo minhas instruções, duas vigas fortes foram colocadas atravessadas a seis metros do fundo, com um espaço entre elas. Esse espaço funcionará como encaixe para sustentar seu tubo artesiano. Uma perfuratriz de quinze metros será o suficiente, seis metros dos quais se projetarão abaixo das vigas, de modo que o ponto de perfuração seja rente à lona. Não ultrapasse esse ponto se o senhor valoriza sua vida. Nove metros portanto se projetarão para cima no fosso, e uma vez que o senhor ligar a perfuratriz, poderemos considerar que nada menos de doze metros de broca penetrarão a substância da Terra. Como essa substância é muito macia, creio que provavelmente o senhor não precisará de energia para perfurar, e que o simples peso da perfuratriz dentro do tubo bastará para romper a camada que descobrimos. Essas instruções pareceriam o bastante para qualquer inteligência mediana, mas tenho algumas dúvidas se o senhor não precisará de mais, que poderão ser solicitadas por meio de nosso jovem amigo, Malone.

GEORGE EDWARD CHALLENGER

Pode-se imaginar que quando chegamos à estação de Storrington, junto ao flanco norte de South Downs, eu estava num estado de considerável tensão nervosa. Um *landaulet* Vauxhall trinta, muito gasto pelo tempo, nos esperava e, aos trancos, nos conduziu por uns dez, doze quilômetros de estradas vicinais e alamedas que, apesar do isolamento natural, estavam muito esburacadas e davam todos os indícios de um trânsito pesado. Um caminhão quebrado no meio do mato deixava claro que outros além de nós também haviam achado o caminho difícil. Então vi o que pareciam ser válvulas e pistões, o imenso maquinário de uma bomba hidráulica que se projetava, toda enferrujada, de um emaranhado de arbustos.

– Isso é coisa do Challenger – disse Malone, sorrindo. – Disse que estava dois milímetros e meio fora da especificação e simplesmente a descartou na beira da estrada.

– E ainda processou o sujeito, sem dúvida.

– Processo! Meu caro amigo, nós precisaríamos de um tribunal só para

nós. Temos o suficiente para ocupar um juiz durante um ano inteiro. Até o governo. O velho diabo não se importa com ninguém. A Coroa *versus* George Challenger, e George Challenger *versus* a Coroa. Que bela dança diabólica os dois fariam de um tribunal para o outro. Pois bem, chegamos. Obrigado, Jenkins, pode nos deixar entrar!

Um homem enorme de orelhas deformadas olhou para dentro do carro, com uma expressão desconfiada no rosto tenso. Ele só relaxou e nos cumprimentou quando reconheceu meu acompanhante.

– Tudo certo, sr. Malone. Achei que fosse a American Associated Press.

– Ah, eles também estão fazendo uma reportagem?

– Hoje eles, ontem *The Times*. Eles ficam por aí xeretando. Veja lá! – Ele indicou um ponto distante no horizonte. – Está vendo aquele brilho? É o telescópio do *Chicago Daily News*. Sim, eles estão nos vigiando agora. Ficam enfileirados feito corvos, eu vi. Ali junto do farol.

– Pobres jornalistas! – disse Malone, ao atravessarmos um portão com uma formidável cerca de arame farpado. – Também sou, sei como é.

Nesse momento, ouvimos um balido queixoso atrás de nós:

– Malone! Ted Malone!

Vinha de um gordinho que acabava de chegar de motocicleta e que tentava se soltar do abraço hercúleo do guarda no portão.

– Me solte! – disse ele, ofegante. – Tire suas mãos de mim! Malone, chame este seu gorila.

– Pode soltá-lo, Jenkins! Ele é meu amigo! – exclamou Malone. – Bem, meu velho, o que foi? O que o traz a essas bandas? Sua área é Fleet Street, não os ermos de Sussex.

– Você sabe perfeitamente o que me traz aqui – disse nosso visitante. – Pediram que escrevesse uma matéria sobre Hengist Down, e eu não posso ir embora sem ela.

– Sinto muito, Roy, mas aqui você não vai conseguir nada. Terá de ficar do lado de lá da cerca. Se quer saber mais, deve visitar o professor Challenger e obter uma autorização.

– Já tentei – disse o jornalista, consternado. – Fui hoje cedo.

– Bem, e o que ele disse?

– Que me jogaria pela janela.

Malone riu.

– E o que você fez?

– Perguntei: “O que há de errado com a porta?”, e escapei porta afora só para mostrar que não havia problema nenhum com ela. Não era hora de discutir. Simplesmente saí. Com aquele touro barbudo em Londres e esse troglodita aqui, que estragou meu terno novo, parece que você está sempre cercado de estranhas companhias, Ted Malone.

– Não posso fazer nada por você, Roy; se pudesse, juro que faria. Dizem em Fleet Street que você nunca foi derrotado, mas parece que tudo tem uma primeira vez. Volte para a redação, e se aguardar mais alguns dias, lhe darei notícias assim que o velho autorizar.

– Não há possibilidade de eu entrar?

– Nenhuma.

– Nem pagando?

– Você sabe que nem deveria dizer isso.

– Estão dizendo que é um túnel que sairá na Nova Zelândia.

– Será um túnel que o levará diretamente para o hospital se você tentar entrar, Roy. Agora, adeus. Também temos um trabalho a fazer.

Enquanto caminhávamos pelo complexo, Malone explicou:

– Era Roy Perkins, o correspondente de guerra. Nós acabamos de quebrar o recorde dele, pois até agora era considerado imbatível. É aquele rostinho gordo e inocente que faz com que consiga entrar em todos os lugares. Já trabalhamos na mesma equipe.

E então ele apontou para um conjunto de simpáticos bangalôs com telhados vermelhos:

– Ali ficam os alojamentos dos homens. Um grupo esplêndido de trabalhadores selecionados que recebem muito mais do que a média salarial. Todos solteiros e abstêmios, e sob juramento de sigilo total. Creio que nada tenha vazado até agora. Aquele é o campo onde jogam futebol, e a casa ao lado é a biblioteca e o salão de jogos. O velho é um grande organizador, isso eu lhe garanto. Este aqui é o sr. Barforth, o principal engenheiro encarregado.

Um homem comprido, magro e melancólico, com rugas fundas de angústia no rosto, apareceu diante de nós.

– Imagino que o senhor seja o engenheiro de poços artesianos – disse ele, com voz soturna. – Recebi ordens para aguardar sua chegada. Fico contente que o senhor tenha vindo, pois não me incomodo de dizer que a responsabilidade por essa coisa toda está me dando nos nervos. Vamos perfurando sem saber se o que sairá em seguida é um jato de água calcária,

um veio de carvão ou um jorro de petróleo, ou mesmo uma labareda do fogo do inferno. Fomos poupados deste último, mas pelo que sei o senhor se encarregará de fazer essa conexão final.

– Está tão quente assim lá dentro?

– Olhe, é bem quente. Não há como negar. E ainda assim não é tão ruim quanto a pressão barométrica e o espaço exíguo fazem parecer. Claro, a ventilação é péssima. Nós bombeamos o ar lá para baixo, mas o máximo que os homens suportam são turnos de duas horas, e são todos rapazes prestativos. O professor desceu ontem, e ficou muito satisfeito com tudo. O senhor pode almoçar conosco, e depois ver com os próprios olhos.

Após uma rápida e frugal refeição, fomos apresentados com amorosa minúcia da parte do gerente a todos os conteúdos de sua casa das máquinas e aos mais variados detritos e equipamentos descartados ao redor. De um lado havia uma imensa escavadeira hidráulica Arrol desmontada, utilizada rapidamente nas primeiras escavações. Junto a ela estava um grande motor que girava uma esteira rolante de aço com caçambas amarradas que traziam os detritos dos diversos estágios do fundo do fosso. Na casa das máquinas, diversas turbinas Escher Wyss de muitos cavalos de potência operavam a cento e quarenta revoluções por minuto e controlavam acumuladores hidráulicos que geravam uma pressão de mil e quatrocentas libras por polegada quadrada, descendo tubos de oito centímetros pelo fosso e operando quatro perfuratrizes de rocha com brocas ocas do tipo Brandt. Acima da casa das máquinas ficava a sala dos geradores, que forneciam energia para uma grande instalação de luz, e ao lado da sala dos geradores, mais outra turbina de duzentos cavalos, a qual movia um ventilador de três metros de diâmetro, que levava o ar por um tubo de trinta centímetros até o fundo da obra. Todas essas proezas foram demonstradas com muitas explicações técnicas pelo orgulhoso operador, que já ia quase me deixando entediado, assim como eu, por minha vez, talvez tenha deixado o meu leitor. Houve uma bem-vinda interrupção, contudo, quando ouvi o ranger das rodas e exultei ao ver meu caminhão Leyland de três toneladas subindo aos trancos pelo pasto, lotado de ferramentas e seções de tubulação, trazendo meu funcionário, Peters, e seu assistente na cabine. Ambos puseram mãos à obra imediatamente, descarregando minhas coisas e levando tudo para dentro. O gerente, Malone e eu deixamos os dois trabalhando ali e nos aproximamos do túnel.

Era um lugar magnífico, em escala muito maior do que eu havia imaginado. Os montes de detritos, as milhares de toneladas de material

retirado, desenhavam uma grande ferradura ao redor, formando o que já era então uma colina considerável. Na concavidade dessa ferradura, composta de calcário, argila, carvão e granito, erguiam-se pilastras de ferro e polias que operavam as bombas e os elevadores, e estavam conectadas à sala dos geradores, cujo edifício de tijolos fechava a abertura da ferradura. Mais adiante ficava a boca aberta do túnel, um fosso imenso escancarado, de uns dez, doze metros de diâmetro, revestido e recoberto de tijolos e cimento. Quando inclinei o pescoço e espiei dentro do abismo assustador, que me haviam garantido ter quase treze quilômetros, meu cérebro sofreu um solavanco só de pensar no que aquilo representava. A luz do sol atingia a boca do abismo numa diagonal, e eu só conseguia enxergar algumas centenas de metros de calcário sujo, coberto com tijolos onde, aqui e ali, a superfície parecera instável. Mesmo nessa espiada, contudo, consegui ver, muito longe naquela escuridão, um minúsculo ponto de luz, o mais mínimo possível, mas claro e constante contra o fundo negro retinto.

– Que luz é aquela? – perguntei.

Malone se inclinou sobre o parapeito ao meu lado.

– É uma das gaiolas subindo – disse. – É uma maravilha, não? Está a cerca de dois quilômetros daqui, mas o pontinho brilhante é uma fortíssima lâmpada de arco voltaico. O elevador é rápido, e estará aqui em poucos minutos.

De fato, o ponto de luz foi ficando cada vez maior, até que inundou todo o túnel com seu brilho prateado, e tive de virar os olhos diante do clarão ofuscante. No momento seguinte, a gaiola de ferro parou na plataforma, e quatro homens se arrastaram para fora dela e se dirigiram à entrada.

– Já estão quase todos aí – disse Malone. – Não é brincadeira fazer um turno de duas horas naquela profundidade. Bem, você já pode trazer uma parte de suas coisas para cá. Suponho que o melhor a fazer é descermos logo. Então você será capaz de avaliar a situação por si mesmo.

Ele me levou por um anexo à casa das máquinas. Trajes largos de um material levíssimo estavam pendurados na parede. Seguindo o exemplo de Malone, tirei toda a minha roupa e vesti um deles, além de calçar um par de sapatos com sola de borracha. Malone se trocou antes de mim e saiu do vestiário. No momento seguinte, ouvi um barulho como se dez cachorros brigassem ao mesmo tempo e, saindo às pressas, vi meu amigo rolando no chão atracado ao operário que ajudava a empilhar meus tubos artesianos. Ele tentava arrancar do outro algo a que este se agarrava desesperadamente.

Porém Malone era forte demais para ele, e arrancou o objeto de suas mãos e pisoteou-o até fazê-lo em pedaços. Só então reconheci que era uma câmera fotográfica. Meu operário de rosto sujo se levantou penosamente do chão.

– Maldito seja, Ted Malone! – disse ele. – Era uma máquina nova de dez guinéus.

– Não posso fazer nada, Roy. Vi quando você fotografou, era a única coisa a fazer.

– Onde diabos você arranjou meu uniforme? – perguntei com virtuosa indignação.

O safado piscou e sorriu.

– Sempre se dá um jeito. Mas não culpe seu funcionário. Ele não achou que fosse grave. Troquei de roupa com o assistente e entrei.

– E agora você sai – disse Malone. – Nem adianta discutir, Roy. Se Challenger estivesse aqui soltaria os cachorros em você. Já estive numa enrascada, de modo que não serei tão duro com você, mas aqui sou um cão de guarda, e não só ladro como mordo. Vamos. Saia já daqui!

E o nosso dedicado visitante foi conduzido por dois funcionários sorridentes para fora do complexo. Assim o público finalmente entenderá a gênese do magnífico artigo de quatro colunas intitulado “Sonho louco de um cientista”, com o subtítulo de “Um atalho para a Austrália”, publicado no jornal *The Adviser* alguns dias depois, levando Challenger à beira da apoplexia e o editor do jornal à entrevista mais desagradável e perigosa de toda a sua vida. O artigo era um relato bastante colorido e exagerado da aventura de Roy Perkins, “nosso tarimbado correspondente de guerra”, e continha passagens luminosas como “o touro peludo de Enmore Gardens”, “o complexo protegido por arame farpado, brutamontes e cães de guarda” e, por fim, “fui arrastado da borda do túnel anglo-australiano por dois capangas, o mais selvagem deles sendo um faz-tudo que anteriormente conheci como sicofanta da profissão jornalística, enquanto o outro, sinistra figura em estranho traje tropical, posava de engenheiro de poços artesianos, embora a aparência sugerisse um remanescente de Whitechapel.” Depois de nos tratar dessa maneira, o malandro passava a uma elaborada descrição dos trilhos junto à boca do fosso, e da escavação em zigue-zague pela qual trens funiculares entravam na Terra.

A única inconveniência prática decorrente do artigo foi que estimulou notavelmente a fila de desocupados em South Downs esperando alguma coisa

acontecer. Quando enfim chegou o dia em que algo aconteceu, eles bem desejaram estar longe dali.

Meu funcionário e seu falso assistente haviam espalhado todo o meu aparato pelo chão, minha campainha, minhas chaves inglesas, minhas brocas e furadeiras, minhas varas metrificadas e o contrapeso, porém Malone insistiu que deixássemos tudo ali mesmo e descêssemos logo até o nível mais baixo da obra. Para tanto, entramos na gaiola, que era de ferro fundido, e na companhia do engenheiro-chefe disparamos rumo às entranhas da Terra. Havia uma série de elevadores automáticos, cada um com um posto de controle instalado em nichos na parede da escavação. Funcionavam em velocidade, e a experiência se assemelhou mais a viajar num trem vertical do que à queda desgovernada que associamos aos elevadores britânicos movidos a vapor.

Como a gaiola era toda vazada e intensamente iluminada, tínhamos uma visão clara dos estratos pelos quais íamos passando. Prestei atenção a cada um deles enquanto descíamos rapidamente. Havia o calcário amarelado; os veios de areia de Hastings, cor de café; os leitos de Ashburnham, mais claros; as escuras argilas carboníferas; e então, reluzindo sob a iluminação elétrica, faixas e mais faixas de preto total, carvão cintilante, alternadas com anéis de argila. Aqui e ali havia seções de alvenaria, mas em geral o túnel se sustentava sozinho, e se podia imaginar o imenso trabalho e a habilidade mecânica que aquilo representava. Abaixo dos veios de carvão, reparei num estrato confuso de aparência de concreto, e então chegamos ao granito primitivo, onde cristais de quartzo reluziam e rebrilhavam como paredes escuras salpicadas de pó de diamantes. Continuamos descendo, sempre descendo, mais baixo do que jamais outros mortais antes penetraram. As rochas arcaicas variavam lindamente suas cores, e nunca esquecerei uma faixa larga de feldspato rosa, que brilhava com uma beleza extraterrena diante de nossas lâmpadas fortíssimas. Estágio após estágio, elevador após elevador, o ar foi ficando cada vez mais pesado e quente até que os nossos trajes leves se tornaram insuportáveis e o suor começou a pingar em nossos sapatos de borracha. Por fim, quando achava que não aguentaria mais, o último elevador parou e saímos para uma plataforma circular cavada na própria rocha. Reparei que Malone olhou curiosamente desconfiado para as paredes ao sair. Se eu não soubesse que ele era um dos homens mais corajosos que já conheci, diria que estava extremamente nervoso.

– Que estranho – disse o engenheiro-chefe, passando a mão na seção de

rocha. Ele aproximou a luz e mostrou que a rocha brilhava como se dela porejasse uma estranha baba viscosa. – Aqui embaixo têm ocorrido tremores e vibrações. Não sei do que se trata. O professor parece satisfeito, mas para mim é algo completamente novo.

– Estou inclinado a dizer que acabei de ver aquela parede se mexer – disse Malone. – Da última vez em que estive aqui embaixo, fixamos aquelas duas vigas para a sua perfuratriz, e quando batemos na parede para encaixar os suportes, a parede cedeu a cada golpe. A teoria do velho parecia absurda na sólida Londres, mas aqui embaixo, a quase treze quilômetros da superfície, já não tenho tanta certeza.

– Se você visse o que há ali embaixo da lona, teria ainda menos certeza – disse o engenheiro. – Essas rochas aqui embaixo são moles como se fossem de queijo, e depois que as ultrapassamos, chegamos a uma formação nova que não se parece com nada que já tenhamos visto. "Cubra bem! Não toque nisso!", disse o professor. Então nós pusemos uma lona por cima, de acordo com as instruções dele, e lá está ela.

– Podemos espiar?

Uma expressão apavorada se fez no semblante lúgubre do engenheiro.

– Desobedecer ao professor não é brincadeira – disse ele. – Ele é terrivelmente sagaz também, de modo que nunca se sabe se está de olho. Mas vamos dar uma espiada e correr o risco.

Ele baixou o refletor de nossa lâmpada para que a luz atingisse a lona preta. Então, puxando uma corda presa ao canto da cobertura, revelou uns cinco metros quadrados da superfície abaixo da lona.

Foi uma visão extraordinária e terrível. O chão consistia de um material cinzento, brilhante e de aspecto vítreo, que ondulava em lentas palpitações. Os pulsos não eram constantes, mas davam a impressão de um ondular ou um ritmo suave, que percorria toda a superfície. A própria superfície em si não era inteiramente homogênea, mas logo abaixo, como que flutuando em vidro moído, viam-se discretas manchas ou bolhas de ar esbranquiçadas, que variavam sempre em forma e tamanho. Ficamos os três olhando fascinados para aquela extraordinária visão.

– Parece muito um bicho sem pele – disse Malone, num suspiro embevecido. – Talvez o velho não esteja muito errado com seu bendito ouriço.

– Jesus! – exclamei. – E eu deverei enfiar um arpão nesse bicho!

– A honra será toda sua, meu filho – disse Malone. – E, sinto informar que, a não ser que eu tenha outra missão, estarei ao seu lado nessa hora.

– Pois bem, eu não estarei – observou decidido o engenheiro-chefe. – Nunca tive tanta certeza de uma coisa na vida como tenho disso. Se o velho insistir, eu me demito. Meu Deus, o que foi isso?!

A superfície subitamente se abaulou, vindo em nossa direção como uma onda vista de cima de um forte. Então a onda passou e os tremores e as vibrações continuaram como antes. Barforth baixou a corda e colocou a lona de volta no lugar.

– Parecia que sabia que estávamos aqui – disse ele.

– Por que veio para cima de nós dessa maneira? Imagino que a luz tenha surtido algum efeito.

– O que devo fazer agora? – perguntei.

O sr. Barforth apontou para duas vigas atravessadas no fosso logo abaixo da plataforma do elevador. Entre elas, havia uma brecha de uns vinte centímetros.

– Isso também foi ideia do velho – disse ele. – Acho que eu poderia ter feito melhor de outra maneira, mas foi como tentar argumentar com um búfalo enlouquecido. É mais fácil e mais seguro simplesmente fazer tudo o que ele diz. A ideia dele é que você ponha sua broca de vinte centímetros ali e a fixe de algum modo entre esses suportes.

– Bem, quanto a isso creio que não haverá muita dificuldade – respondi. – A partir de hoje, o trabalho fica sob minha responsabilidade.

Foi, como se poderia imaginar, a experiência mais estranha de minha vida tão variada, que incluía a perfuração de poços em todos os continentes da Terra. Como o professor Challenger foi tão insistente no ponto de que a operação deveria ser comandada a partir de uma determinada distância, e como comecei a enxergar um bocado de bom senso nessa ressalva, precisei elaborar algum método de controle elétrico, o que foi fácil de executar, uma vez que uma rede elétrica percorria o túnel de ponta a ponta. Com o infinito zelo de meu funcionário, Peters, trouxemos nossos metros de tubos para baixo e os empilhamos sobre uma laje de rocha. Em seguida, erguemos a plataforma do último elevador para termos espaço para trabalhar. Como havíamos sugerido usar o sistema de impacto, pois não daria para contar unicamente com a gravidade, prendemos nosso contrapeso de quarenta e cinco quilos sobre uma polia na base do elevador, e descemos nossos tubos

que terminavam numa broca. Por fim, a corda que prendia o contrapeso foi atada à lateral do fosso de modo que uma descarga elétrica pudesse deflagrar a operação. Foi um trabalho delicado e difícil, naquele calor mais que tropical, e a todo momento com a sensação de que um escorregão ou a queda de uma única ferramenta poderia ocasionar uma catástrofe inconcebível. Estávamos enlevados também pelo cenário. Por diversas vezes notei um estranho tremor e uma vibração percorrendo as paredes, e cheguei a sentir até um palpitar surdo nas mãos quando as toquei. Fato é que nenhum de nós lamentou, nem Peters, nem eu, quando demos pela última vez o sinal de que estávamos prontos para voltar à superfície, e relatamos ao sr. Barforth que o professor Challenger poderia fazer seu experimento assim que quisesse.

E nem precisamos esperar muito. Três dias depois de completarmos a instalação, a notícia chegou.

Era um convite comum, um cartão desses usados para recepções familiares, e dizia o seguinte:

O PROFESSOR G.E. CHALLENGER,

Membro da Royal Society, Doutor em Medicina, Doutor em Ciências, etc. (ex-presidente do Instituto Zoológico e detentor de tantos títulos honorários e honrarias que as dimensões deste cartão não comportam)

solicita a presença do

SR. JONES (sem acompanhante)

às 11h30 da terça-feira, 21 de junho, para testemunhar um

notável triunfo da mente sobre a matéria

em

HENGIST DOWN, SUSSEX.

Trem especial Victoria 10.5. Os convidados deverão arcar com o próprio custo de transporte. Almoço após experimento a confirmar – conforme as circunstâncias. Estação: Storrington.

R.S.V.P. (imediatamente, com o nome em letras de forma): 14 (Bis), Enmore Gardens, S.W.

Descobri que Malone tinha acabado de receber correspondência semelhante, diante da qual gargalhava.

– É uma mera ostentação nos enviar isso – disse ele. – Teremos de estar presentes aconteça o que acontecer, como disse o carrasco ao condenado. Mas saiba que em Londres não se fala em outra coisa. O velho chegou aonde queria, com um holofote apontado bem para sua cabeça velha e cabeluda.

E então finalmente chegou o grande dia. Pessoalmente, achei melhor viajar na noite anterior, para garantir que estava tudo em ordem. Nossa broca estava afixada na posição, o contrapeso estava ajustado, os interruptores

elétricos poderiam ser ativados facilmente, e eu estava satisfeito com o fato de que pelo menos minha parte do estranho experimento transcorreria sem problemas. Os controles elétricos eram operados a uma distância de uns quinhentos metros da boca do fosso, para minimizar qualquer risco pessoal. Quando naquela manhã fatídica, um dia ideal do verão inglês, cheguei à superfície com a mente serena, subi até a metade da colina para ter uma visão geral de todos os procedimentos.

O mundo inteiro parecia estar vindo para Hengist Down. Até onde minha vista alcançava, as estradas estavam lotadas de gente. Automóveis chegavam sacolejando e balançando pelas alamedas, e descarregavam seus passageiros diante do portão do complexo. A maioria acabava parada ali mesmo. Um poderoso bando de zeladores aguardava na entrada, e não bastavam promessas ou propinas, pois apenas a apresentação dos disputados convites franqueava o acesso. Dispersavam-se dali em diante e juntavam-se à vasta multidão que já se formava na base da colina, cobrindo a beira da estrada de uma densa massa de espectadores. Dentro do complexo, algumas áreas haviam sido isoladas por cercas, e os diversos privilegiados foram conduzidos para a plataforma designada a cada um. Havia uma plataforma para os lordes, uma para membros da Câmara dos Comuns e uma para os líderes das sociedades eruditas e homens de renome da ciência mundial, incluindo Le Pellier, da Sorbonne, e o dr. Driesinger, da Academia de Berlim. Uma aérea especial cercada com sacas de areia e um teto de chapas metálicas foi destinado a três membros da família real.

Às onze e quinze, uma série de charabãs trouxe convidados ainda mais especiais da estação, e desci para o complexo para assistir à recepção. O professor Challenger estava diante da área especial, esplêndido em seu fraque, colete branco e cartola reluzente, com uma expressão mista de onipotência, uma benevolência quase ofensiva e a mais portentosa presunção.

– Claramente, uma típica vítima de megalomania – como um de seus críticos o descreveu.

Ele ajudou a conduzir, e eventualmente empurrar, seus convidados aos lugares certos, e então, depois de reunir a elite à sua volta, assumiu seu posto numa elevação do terreno e olhou ao redor com ar de presidente esperando aplausos de boas-vindas. Como ninguém aplaudiu, ele avançou diretamente no assunto, sua voz ecoando até os extremos do complexo.

– Cavalheiros – rugiu –, nesta ocasião, não preciso incluir as damas. Se não as convidei para estarem presentes conosco esta manhã, não foi por falta

de apreço, pois posso dizer – continuou ele com humor paquiderme e falsa modéstia – que as relações entre nós sempre foram reciprocamente excelentes, e a bem dizer, bastante íntimas. O verdadeiro motivo é que existe uma pequena parcela de perigo envolvida em nosso experimento, embora não seja o suficiente para justificar a decepção que vejo estampada em muitos de seus semblantes. Interessará aos membros da imprensa saber que lhes reservei assentos muito especiais sobre os montes de detritos que dão imediatamente para o cenário da operação. Eles demonstraram um interesse em meus assuntos que por vezes não se distingue da impertinência, de modo que pelo menos nesta ocasião não poderão reclamar que fui omisso quanto à sua conveniência. Se nada acontecer, o que é sempre possível, ao menos terei feito o melhor por eles. Se, por outro lado, algo acontecer, eles estarão em excelente posição para experimentar e registrar os fatos, caso se sintam à altura da tarefa. É impossível, como vocês logo entenderão, para um homem de ciência explicar ao que chamaria de massas comuns, sem nenhum desrespeito, os vários motivos para suas conclusões ou suas atitudes. Noto que sou interrompido inapropriadamente, e vou pedir ao cavalheiro de óculos ali que pare de agitar seu guarda-chuva.

(Ouve-se: “A descrição de seus convidados, senhor, é bastante hostil.”)

– Possivelmente foi a expressão que usei, “massas comuns”, que incomodou o cavalheiro. Digamos portanto que meus ouvintes seriam as massas mais incomuns. Não tergiversemos por palavras. Eu estava prestes a dizer, antes de ser interrompido por esse comentário estapafúrdio, que a questão estará toda completa e lucidamente discutida em meu próximo livro a ser lançado, que posso descrever com toda modéstia como uma obra que marcará época na história do mundo.

(Interrupções por toda parte e gritos de “Atenha-se aos fatos!”, “Afinal o que viemos fazer aqui?”, “É alguma piada?”)

– Eu ia esclarecer o assunto, e se for novamente interrompido serei obrigado a tomar providências para preservar a decência e a ordem, cuja falta é dolorosamente óbvia. A situação é, portanto, a seguinte: construí um túnel através da crosta da Terra e estou prestes a experimentar o efeito de uma vigorosa estimulação do córtex sensorial, uma operação delicada que será levada a cabo por meus subordinados, o sr. Peerless Jones, autoproclamado especialista em poços artesianos, e o sr. Edward Malone, que me representa nesta ocasião. A substância exposta e sensível será espetada, e como ela reagirá é uma questão aberta a conjecturas. Se os senhores gentilmente

retomarem seus assentos, esses dois cavalheiros descerão ao fundo do poço e farão os ajustes finais. Então apertarei o botão elétrico sobre esta mesa e o experimento estará completo.

Depois de uma arenga de Challenger, qualquer plateia geralmente ficava como a Terra, como se sua epiderme protetora tivesse sido perfurada e seus nervos deixados à mostra. Aquele grupo não foi exceção, e fez-se um murmúrio surdo de críticas e ressentimentos enquanto os convidados voltavam para seus lugares.

Challenger sentou sozinho no alto da elevação, junto a uma mesinha, sua juba e sua barba negras vibrando de excitação, compondo a portentosa figura. Malone e eu não conseguimos admirar a cena, contudo, pois nos apressávamos a levar a cabo a extraordinária tarefa. Vinte minutos depois estávamos no fundo do fosso, e havíamos removido a lona da superfície exposta.

Era uma visão extasiante que tínhamos diante de nós. Por alguma estranha telepatia cósmica o velho planeta parecia saber que uma inaudita liberdade estava prestes a ser tomada. A superfície exposta era como uma chaleira fervente. Grandes bolhas cinzentas subiam e explodiam com estalidos. Os espaços de ar sob a película se separavam e coalesciam em agitada atividade. As ondulações transversais estavam mais fortes e mais rápidas em seu ritmo do que antes. Um fluido roxo escuro parecia pulsar nas tortuosas anastomoses de canais logo abaixo da superfície. O pulso da vida estava todo ali. Um cheiro fortíssimo tornou o ar dificilmente apropriado para pulmões humanos.

Meu olhar estava fixo nesse estranho espetáculo quando Malone soltou uma súbita exclamação de alarme.

– Meu Deus, Jones! – gritou ele. – O que é aquilo?!

Olhei depressa e imediatamente liberei a conexão elétrica e entrei no elevador.

– Venha! – exclamei. – Talvez agora tenhamos de correr para sobreviver!

O que havíamos visto era de fato alarmante. Toda a seção inferior do túnel, aparentemente, passara a ter a mesma atividade que havíamos observado lá embaixo, e as paredes também vibravam e pulsavam. Esse movimento afetara os encaixes das vigas, e ficou claro que uma mínima retração, uma questão de centímetros, faria as vigas desabarem. Se isso acontecesse, então a ponta da broca penetraria a terra independentemente da

ação do interruptor elétrico. Antes que isso acontecesse era vital que Malone e eu já estivéssemos fora do túnel. Estar treze quilômetros embaixo da terra, com a possibilidade de uma convulsão extraordinária a qualquer momento, era uma perspectiva terrível. Fugimos desesperadamente para a superfície.

Será que algum dia esqueceremos o pesadelo que foi essa jornada? Os elevadores guinchavam e zumbiam, e os minutos pareceram horas. A cada estágio, saltávamos para o próximo elevador, acionávamos o interruptor e continuávamos a subir. Pelas frestas do ferro fundido do teto podíamos ver lá longe o pequeno círculo de luz marcando a boca do túnel. Então esse ponto foi crescendo, crescendo, até se tornar um disco inteiriço e nossos olhos contentes depararam com a abertura de tijolos. Subimos, subimos, e num último momento feliz de gratidão saltamos para fora daquela prisão e pisamos outra vez o verde do gramado. Mas tivemos apenas uma fração de segundo. Não havíamos dado nem trinta passos da boca do túnel quando lá no fundo meu dardo de ferro acertou o gânglio nervoso da velha Mãe Terra e o grande momento chegou.

O que aconteceu? Nem Malone nem eu estamos em posição de dizê-lo, pois fomos ambos arrancados do chão por um ciclone que rodopiou pelo gramado, girando-nos feito discos num rinque de gelo. Ao mesmo tempo, nossos ouvidos foram invadidos pelo urro mais horrendo que já se ouviu. Quem dentre as centenas de presentes ali conseguiria descrever adequadamente aquele grito terrível? Era um uivo de dor, ira, ameaça e majestade ultrajada da Natureza, tudo mesclado num hediondo guincho. Durante um minuto inteiro, mil sirenes fundidas paralisaram a multidão com sua feroz insistência, dissipando-se para longe pelo ar imóvel do verão, até virar um eco por toda a costa do sul do país e atingir nossos vizinhos franceses do outro lado do canal da Mancha. Nenhum outro som na história jamais se equiparou ao grito da Terra ferida.

Perplexos e ensurdecidos, Malone e eu nos demos conta do choque e do som, mas foi pela narrativa de terceiros que ficamos sabendo dos demais detalhes daquela cena extraordinária.

As primeiras coisas a emergirem das entranhas da Terra foram as gaiolas de elevador. O restante do maquinário, posicionado rente às paredes, escapou da explosão, mas os pisos sólidos das gaiolas sofreram todo o impacto da corrente ascendente. Quando diversas partículas separadas são colocadas dentro de um tubo de pressão, elas são disparadas para cima ainda separadas e mantendo a sequência. De modo que as quatorze gaiolas apareceram uma

após a outra no ar, voando ordenadas, descrevendo uma gloriosa parábola que terminou, uma delas, dentro do mar, perto do cais de Worthing, e uma outra num campo perto de Chichester. Espectadores afirmaram que de todas as estranhas visões que já testemunharam nada, jamais, poderia ultrapassar as quatorze gaiolas de elevador viajando serenamente pelo céu azul.

Então veio um gêiser. Era um jorro enorme de uma substância asquerosa e melada, da consistência de alcatrão, disparado no ar a uma altura que foi calculada em seiscentos e dez metros. Um avião curioso, que pairava no ar nesse momento, foi atingido, como por artilharia antiaérea, e fez um pouso forçado, homem e máquina cobertos de sujeira. A coisa horrenda, que tinha o odor mais penetrante, nauseante, podia representar o sangue vital do planeta, ou então, como o professor Driesinger e a Escola de Berlim defendem, uma secreção protetora, análoga à do gambá, que a Natureza deu à Mãe Terra para defendê-la dos Challengers intrusos. Se era isso, o principal infrator, sentado em seu trono no alto, escapou incólume, enquanto a infeliz imprensa ficou tão ensopada e impregnada, diretamente exposta aos disparos, que nenhum dos jornalistas conseguiu frequentar a alta sociedade por muitas semanas. Tal emanação putrefata foi soprada para o sul pela brisa, e baixou sobre as massas infelizes que pacientemente esperavam nas colinas de Downs para ver o que ia acontecer. Não houve baixas. Nenhum lar foi destruído, mas muitos ficaram fétidos, e ainda guardam entre seus muros alguma recordação do grande acontecimento.

E então o poço foi fechado. Como a Natureza fecha lentamente uma ferida de baixo para cima, assim também a Terra com extrema rapidez reage a qualquer ataque à sua substância vital. Houve um estrondo prolongado e agudo quando as laterais do duto se chocaram; o som, reverberando das profundezas, ergueu-se cada vez mais alto até que, com um estouro ensurdecedor, o círculo de tijolos do orifício se fechou, esmigalhado, enquanto um tremor semelhante ao de um pequeno terremoto desfez os montes de detritos e formou uma pirâmide de quinze metros de escombros e destroços de ferro sobre o local onde ficara o buraco. O experimento do professor Challenger não estava apenas encerrado: fora enterrado longe da visão dos homens para sempre. Não fosse o obelisco erigido pela Royal Society, dificilmente nossos descendentes sequer saberiam o local exato da notável ocorrência.

E então veio o *grand finale*. Por um longo período após esses fenômenos houve um alvoroço e depois uma tensa imobilidade enquanto as pessoas se

recompunham e tentavam entender exatamente o que havia acabado de ocorrer, e como. E então de repente a poderosa conquista, a vasta transformação de conceitos, a genialidade e a maravilha da execução, ficaram claras em suas mentes. Impulsivamente todos se viraram para Challenger. De todas as partes do campo vieram gritos de admiração, e de seu trono ele pôde ver a massa de rostos virados para cima, interrompida apenas pelo agitar de lenços acenando. Em retrospecto, lembro dele melhor nesse exato momento. De pé, olhos entrecerrados, um sorriso consciente do próprio mérito no rosto, a mão esquerda na cintura, a direita enfiada no colete do fraque. Seguramente essa imagem ficará fixada para sempre, pois ouvi as câmeras disparando à minha volta como grilos numa floresta.

O sol de junho brilhou dourado sobre ele ao se virar gravemente, inclinando-se com mesuras para os quatro cantos. Challenger, o supercientista, Challenger, o arquipioneiro, Challenger, o primeiro homem que a Mãe Terra foi obrigada a reconhecer.

Uma breve palavra à guisa de epílogo. É bem conhecido o efeito do experimento em todo o mundo. É verdade que nunca mais o planeta ferido emitiu tamanho uivo como no local exato da penetração, mas a conduta da Terra em outros lugares demonstrou ser ela de fato uma entidade única. Ela expressou sua indignação com cada vento e cada vulcão. O Hekla berrou até os islandeses temerem um cataclisma. O Vesúvio explodiu seu pico. O Etna cuspiu uma vasta quantidade de lava, e um processo de meio milhão de liras em prejuízos foi levado contra Challenger nas cortes italianas pela destruição dos vinhedos. Até mesmo no México e no coração da América Central houve sinais de intensa indignação plutônica, e os uivos do Stromboli encheram todo o Mediterrâneo Oriental. Chamar a atenção do mundo todo é uma ambição comum dos homens. Fazer o mundo todo gritar foi privilégio exclusivo de Challenger.

Este texto foi publicado originalmente no livro *Terra da Bruma*, de Arthur Conan Doyle, pela editora Zahar

Copyright desta edição © 2014:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Edição digital: março 2015

ISBN: 978-85-378-1432-1

EXPRESSO
ZAHAR



Um caso de
Sherlock Holmes

AS CINCO SEMENTES DE LARANJA

Arthur Conan Doyle

As cinco sementes de laranja

Conan Doyle, Arthur
9788537811603
29 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Este é um dos casos mais apreciados pelos fãs de Holmes e uma boa razão disso é a atração exercida pela menção de casos nunca registrados por Watson, entre os quais os da Câmara Paradol, dos Grice Paterson na "ilha de Uffa", do envenenamento de Camberwell, do desaparecimento do brigue Sophy Anderson e da Sociedade Mendicante Amadora. Repetindo a fórmula que usara em Um estudo em vermelho, Watson escolhe sagazmente uma aventura ambientada nos Estados Unidos, que fala de vingança por uma sociedade secreta. Em As cinco sementes de laranja, cuja ação se passa em 1887, Sherlock Holmes diz a seu cliente que só foi derrotado quatro vezes em sua carreira.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles
9788537809822
100 páginas

Compre agora e leia

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO REI

Sófocles

Édipo rei

Sófocles
9788537809815
86 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ELECTRA

Sófocles

Electra

Sófocles
9788537809884
80 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem suceso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Um caso de
Sherlock Holmes

ESCÂNDALO NA BOÊMIA

Arthur Conan Doyle

Escândalo na Boêmia

Conan Doyle, Arthur
9788537811627
34 páginas

Compre agora e leia

A consagrada tradução dos Clássicos Zahar

Esse primeiro conto de Sherlock Holmes publicado na Strand Magazine inaugura a parceria de Holmes e Watson. Escândalo na Boêmia é também a única história em que vemos o detetive derrotado. Procurado pelo rei da Boêmia, Holmes se vê em busca de uma fotografia em poder de uma mulher que pode prejudicar o rei que está prestes a se casar. Irene Adler, a antiga amante do rei, no entanto, foge com a prova do crime depois de conseguir despistar o famoso detetive.

Compre agora e leia